

JÁ VAI TARDE...

Roberto Rodrigues*

O ano de 2020 vai indo embora. Já vai tarde, como dizemos na roça.

Eita ano difícil e, ao mesmo tempo, que bom ano para a agropecuária.

Difícil, é óbvio, pela tragédia da pandemia que se abateu sobre o mundo destruindo vidas incontáveis sem distinção de nacionalidade, eliminando empresas, empregos, renda, e empobrecendo desesperadamente países inteiros, enquanto cientistas de todos os quadrantes se debatiam - e seguem nessa luta - loucamente para entender o comportamento do vírus e como acabar com ele.

O Covid-19 deixará sequelas duríssimas, entre as quais ressentimentos entre antigos amigos e familiares, idiossincrasias que se acentuaram gerando mesmo ódios inexplicáveis, e o mau funcionamento de instituições que não conseguiram resolver seus problemas burocráticos com a proibição de trabalho comunitário como era antes. Surgiram infinitas formas novas de trabalho virtual das quais muitas provavelmente serão incorporadas ao comportamento humano depois da pandemia. E desapareceram setores inteiros que terão dificuldades de voltar na plenitude anterior.

Duas grandes questões cresceram durante a crise, marcando seus espaços no futuro de curto prazo: segurança alimentar e sustentabilidade.

E a agropecuária brasileira, que tem tudo a ver com esses temas, foi bem na pandemia por diversas razões.

Por um lado, tivemos uma safra recorde de grãos: quase 260 milhões de toneladas, graças ao trabalho dos produtores rurais que usaram tecnologias cada vez mais inovadoras e foram beneficiados por condições de clima favoráveis. Por outro lado, a demanda por alimentos cresceu, seja internamente em função de políticas governamentais que estimularam o consumo, seja externamente, com o apetite vigoroso da China por grãos e carnes ao ter seu abastecimento abatido pela peste suína africana, tendo que importar mais alimentos. E por fim, a desvalorização do real frente ao dólar se transformou num fator determinante para a aceleração das exportações que, somada à valorização das commodities nas bolsas globais em moeda americana, trouxe preços altos para soja, milho, carnes, açúcar. Isso gerou uma renda alta aos produtores que deixaram a comercialização para mais tarde, e que fecharam contratos para 2021 e até 2022. Mas essa foi a única coisa boa para o país.

Pena que com estes preços, os alimentos tenham provocado uma certa inflação incompatível com a perda de renda de milhões de brasileiros, e bem no final do ano.

Agora está terminando o plantio da safra de verão, com algumas nuvens no horizonte. A implantação das culturas está sendo feita com um câmbio muito valorizado, e ninguém sabe como será isso em 2021. Também não se sabe se o atraso das chuvas provocará redução de produtividade, ou se a China, nosso principal mercado, vai se reorganizar com o novo governo americano. Ou seja, até o sucesso extraordinário da renda na safra de 2020 pode ser perturbado por esses fatores adversos.

Portanto, que termine logo esse ano, e já vai tarde.

E que todos os brasileiros tenham um Feliz Natal e um 2021 muito melhor.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Titular da Cátedra de Agronegócios da USP.**